



Centro Universitário de Brasília – UniCEUB
Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas

ANA PAULA MARQUES DE ALMEIDA

**MEMORIAL DA REPORTAGEM “CHÃO DE NYNA”: revisão do produto entregue
como trabalho de conclusão de curso**

BRASÍLIA
2022

ANA PAULA MARQUES DE ALMEIDA

MEMORIAL DA REPORTAGEM “CHÃO DE NYNA”: revisão do produto entregue como trabalho de conclusão de curso

Trabalho apresentado à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pelo Centro Universitário de Brasília -UniCEUB.

Orientador: Professor Dr. Luiz Cláudio Ferreira

**BRASÍLIA
2022**

ANA PAULA MARQUES DE ALMEIDA

MEMORIAL DA REPORTAGEM “CHÃO DE NYNA”: revisão do produto entregue como trabalho de conclusão de curso

Trabalho apresentado à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pelo Centro Universitário de Brasília -UniCEUB.

Orientador: Professor Dr. Luiz Cláudio Ferreira

BRASÍLIA, DEZEMBRO DE 2022

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Luiz Cláudio Ferreira
Orientador

Examinador(a) 1

Examinador(a) 2

AGRADECIMENTOS

A minha mãe por estar sempre comigo, seja nos bastidores do desejo profundo de me tornar jornalista, seja me garantindo que iria conseguir. Agradeço todas as noites que perdeu o sono me esperando chegar da faculdade, muitas vezes de madrugada. Com você aprendi a vencer medos. Agradeço também o apoio incondicional por meio de sua fé sem fim. Sem você não haveria fronteiras a cruzar e nem forças para dar os passos necessários.

Também agradeço a sorte de ter comigo pessoas que sempre me incentivaram. Todos os meus amigos, e em especial Danilo e Hellen, que estão comigo desde o primeiro dia e que entenderam meus “nãos” quando foi preciso dizê-lo.

A Danyelle, que mesmo de longe sempre esteve comigo. Acompanhou esse sonho se tornar realidade, participando como telespectadora e ouvinte. Obrigada pelos ouvidos que escutaram com afincado cada reclamação.

As professoras do ensino médio que marcaram minha vida: Noelia e Vanessa, agradeço o incentivo que deu início ao processo dessa conquista.

Em especial ao meu orientador: Luiz Claudio. Quando estava difícil, via nele a vontade de continuar. Sempre serei grata por suas palavras muito necessárias. Se me tornar metade da profissional que ele é, já serei enorme.

RESUMO

Esse memorial tem como objetivo apresentar a construção da grande reportagem intitulada “Chão de Nyna” que foi elaborada como trabalho de conclusão de curso (TCC). Se estabelece neste memorial a reflexão do trabalho jornalístico produzido com intuito de abrir espaços e dar visibilidade a pessoas em situação de rua, aqui exclusivamente dar voz e força a uma mulher que está em insegurança alimentar com seus três filhos. Além de demonstrar por meio de conceitos bibliográficos as etapas para elaboração do material, este também tem o objetivo de demonstrar a importância acerca do tema e difundir o debate aprofundado. Disponível em: <https://chaodenyna.netlify.app/>

Palavras-chave: Denúncia; Grande reportagem; Jornalismo Literário; Fome; Mulher em situação de rua.

ABSTRACT

This memorial aims to present the construction of the great report entitled “Chão de Nyna” which was prepared as a course conclusion work (TCC). This memorial sets out the reflection of the journalistic work produced with the intention of opening spaces and giving visibility to people living on the streets, here exclusively giving voice and strength to a woman who is food insecure with her three children. In addition to demonstrating through bibliographic concepts the steps for preparing the material, this also aims to demonstrate the importance of the subject and spread the in-depth debate. Available in: <https://chaodenyna.netlify.app/>

Keywords: Complaint; Great reporting; Literary Journalism; Hungry; homeless Woman.

SUMÁRIO

Introdução.....	7
1. A grande reportagem como gênero jornalístico	10
1.1 Planejamento e pauta	11
2. A reportagem na Web	14
3. Diário de bordo	15
3.1 Apuração	15
3.2 Processo de produção	15
3.3 Finalização.....	16
Conclusão.....	17
Referências.....	18
Apêndice	20

INTRODUÇÃO

O objetivo desse memorial é apresentar o trabalho jornalístico “Chão de Nyna”, feito e caracterizado como gênero da grande reportagem para internet, e produzido a partir de pautas com o intuito de expor e aprofundar o olhar para o tema da vulnerabilidade humana. Esse conceito se estabelece ao contar e chamar atenção, por meio de elementos do jornalismo literário, a história de pessoas em situação de vulnerabilidade, no caso desse trabalho, de uma mulher.

Para dar rosto aos números da fome, a reportagem se aprofunda na história de uma mãe com três filhos. Além de levar a reflexão social sobre a falta de recurso da família que dorme em uma barraca, outra intensão do produto é mostrar diretamente como a fome tem afetado uma parte da população brasileira.

A construção desse material começou com a ideia de revisitar uma pauta realizada ainda no primeiro semestre da faculdade, no ano de 2019, onde a temática proposta era viabilizar notícias e reportagens sobre problemas sociais. Na ocasião, uma matéria sobre um casal que morava embaixo de uma ponte em Samambaia foi escrita.

Ao longo do curso esse tema sempre esteve presente nos trabalhos realizados por fazer parte dos critérios de noticiabilidade, por ser de interesse público e por conter circunstâncias sociais. Como descrito por Silva (2014) os critérios de noticiabilidade:

Características do fato, julgamentos pessoais do jornalista, cultura profissional da categoria, condições favorecedoras ou limitantes da empresa de mídia, qualidade do material (imagem e texto), relação com as fontes e com o público, fatores éticos e ainda circunstâncias históricas, políticas, econômicas e sociais. (SILVA, 2014, p. 52).

É preciso salientar que temas de interesse público divergem dos temas de interesse “do” público. O primeiro, no campo do jornalismo, são aqueles materiais que afetam diretamente o cotidiano dos cidadãos. Já o segundo é o interesse particular que não irá gerar um debate público de relevância.

Também é importante ressaltar um dos objetivos impostos logo na primeira fase da construção do trabalho: o de ter vozes femininas como personagens ativas. Nesse contexto, inserir mulheres que, apesar de representarem menor número entre pessoas em situação de extrema pobreza, ainda são parte dessa realidade. E como

descrito por Tiene (2004) sentem a falta de pertencimento à sociedade formal. Ainda segundo a autora, essas mulheres se encaixam de forma diferente ao masculino no ambiente de rua, já que estão acostumadas culturalmente e foram socializadas para estarem em local doméstico e protetor.

Diante disso, o material “Chão de Nyna” se mantém na proposta estabelecida e busca trazer visibilidade para essas pessoas que têm a rua como a última saída para a sobrevivência, em específico a história de uma mulher que conheceu a fome e a violência ainda no seio da família. O que pode aumentar a percepção tanto de órgãos públicos quanto da sociedade para diminuir o descaso da população feminina em situação de rua. “Em geral, a população em situação de rua é vista pela sociedade como um grupo que oferece risco, e não como um segmento que se encontra em risco” (NONATO; RAIOL, 2016, p. 85).

Assim, com a percepção de chamar a atenção do público, a linguagem utilizada foi a do jornalismo literário por meio da descrição densa. Característica que permite a aproximação do leitor por meio da descrição intensa de detalhes e aprofundamento da questão posta no tema. O fato além dos dados.

Números da fome

A crescente da ocupação de espaços públicos usados como moradia começaram a ser difundidos na Revolução Industrial (1760-1840), quando nas cidades se iniciava as grandes aglomerações humanas.

Segundo Silva (2009), a população em situação de rua surgiu quando os agricultores e camponeses passaram a procurar trabalho nos grandes centros e não foram abrangidos pela indústria, assim, passaram a viver em volta das fábricas.

Já no Brasil, a revolução industrial teve maior força nos anos de 1930 a 1956, quando no governo de Getúlio Vargas começou a ser difundida a ideia da mão de obra mais barata. Substituindo o humano pela máquina, a grande massa da população ficou desempregada e aqueles que não tinham como garantir sua renda para sobreviver, acabaram nas ruas.

A desigualdade social e os embargos econômicos atingem os menos favorecidos mesmo nos anos atuais, como mostra os últimos dados divulgados sobre fome no

Brasil, o que salientou ainda mais a importância da discussão, debate e exposição do tema central desse trabalho.

Segundo a Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede Penssan) existem 33,1 milhões de brasileiros passando fome atualmente no país. Esses dados divulgados em setembro de 2022 mostram que 58,7% da população brasileira convive com algum grau de insegurança alimentar.

Depois de ter saído do mapa da fome da Organização das Nações Unidas (ONU) em 2014, com esses dados, o Brasil volta a ter as características e passa a configurar novamente na lista.

Em agosto de 2022, o Cadastro Único do Governo Federal, registrava em seu sistema 48,3 milhões de brasileiros vivendo em situação de extrema pobreza. 23% da população, segundo os mesmos dados, afirmam não ter renda suficiente para sobreviver, nem mesmo se alimentar, e precisam de auxílio governamental.

Nos últimos quatro anos houve o aumento de 10 milhões de pessoas com fome no país. Já que em 2018, o número de brasileiros nessas condições era de 39 milhões.

Direcionado a região em que a personagem se insere, no Distrito Federal 2.938 pessoas estão em situação de rua, o número foi divulgado em julho de 2022 pela Companhia de Planejamento do Distrito Federal (Codeplan) que também mostrou que aproximadamente 80,7% das pessoas nessas condições são do sexo masculino e 19,3% são do sexo feminino.

Ainda mais alarmante é que das duas mil pessoas em situação de rua, 244 são crianças ou adolescentes.

1. A Grande reportagem como gênero jornalístico

Antes de entender o conceito de grande reportagem, é preciso entender o jornalismo e seus gêneros. O jornalismo se difere de outras atividades em razão da tarefa de informar o público (LIMA, 2004) e dentre essas atribuições se divide ainda, a forma da qual essa informação será difundida. Pode-se relacionar esses diferentes formatos por gêneros jornalísticos.

José Marques de Melo (2003) definiu que o gênero jornalístico é um conjunto das circunstâncias que determinam o relato que a instituição jornalística difunde para o seu público. Em pesquisa realizada em 1966, Marques de Melo, observava que os gêneros jornalísticos presentes na imprensa eram apenas três: Informativo, Opinativo e Interpretativo.

Anos depois, durante uma nova revisão de estudos, Marques de Melo completa a lista de identificação dos gêneros, “identificando os cinco gêneros consagrados pela cultura jornalística brasileira: informativo, opinativo, interpretativo, diversional e utilitário” (MARQUES DE MELO & ASSIS, 2010, p. 27- 28).

Logo José Marques de Melo, junto a Francisco de Assis, classificam os gêneros e formatos jornalísticos por:

- Jornalismo Informativo (Formato: Nota, Notícia, Reportagem e Entrevista)
- Jornalismo Interpretativo (Formato: Dossiê, Perfil, Enquete e Cronologia)
- Jornalismo Opinativo (Formato: Editorial, Comentário, Artigo, Resenha, Coluna, Crônica, Caricatura e Carta)
- Jornalismo Diversional (Formato: História de interesse humano; História colorida)
- Jornalismo Utilitário (Formato: Indicador, Cotação, Roteiro, Serviço)

Com as características conceituadas por Melo, a Grande reportagem se encaixa então no Jornalismo Diversional, junto ao literário, estrutura da qual o texto jornalístico produzido se baseia.

Segundo Pena (2006), o jornalismo literário foge das amarras do lide e de outras estruturas estabelecidas nos outros gêneros jornalísticos, como também se aprofunda no fato ser escrito evitando definidores primários. O autor pontua que o jornalismo literário ultrapassa os limites do acontecimento cotidiano.

Além de usar a estrutura conceituada por Pena, o formato desse material utiliza como principal fator de escrita a descrição densa. Criada pelo antropólogo Clifford Geertz (2008) a expressão “descrição densa” significa a técnica de representar a cultura do outro através de uma descrição precisa e concreta de práticas ou acontecimentos particulares.

Também como forma de potencializar o produto jornalístico, a estrela de sete pontas, conceituada por Felipe Pena (2006), foi usada para potencializar os conceitos do jornalismo, ultrapassar limites do cotidiano, proporcionar uma visão ampla da realidade, exercitar cidadania, romper com as correntes do lide, evitar os definidores primários e a permanência.

Por isso se dá a escolha dessa estrutura para a produção da grande reportagem “Chão de Nyna” que procura seguir uma linha de cuidado com a história humana a ser contada, como descrito por Brum (2008):

[...] Acredito na reportagem como documento da história contemporânea, como vida contada, como testemunho. Busco a precisão e com respeito à palavra exata. Mas também com a certeza de que a realidade é complexa e composta não apenas de palavras. É feita de texturas, cheiros, nuances e silêncios. Na apuração de minhas matérias, busco dar ao leitor o máximo dessa riqueza do real, para que ele possa estar onde eu estive e fazer suas próprias escolhas. (BRUM, 2008, p.14)

1.1. Planejamento e pauta

A grande reportagem “**Chão de Nyna**” começa pelo planejamento e apuração de pauta, conforme Lage (2001) observa, é o que se inicia uma notícia e estabelece assuntos a serem abordados em reportagens.

Mesmo que de forma descentralizada, a apuração e planejamento sempre estiveram presentes nos veículos jornalísticos, porém, os editores de áreas e o editor-chefe, usavam anteriormente o próprio interesse como critério de seleção da matéria a ser publicada. Esse tipo de abordagem resultava no mau aproveitamento das páginas (LAGE, 2001).

Somente em 1970 que todos os veículos jornalísticos do Brasil começaram a seguir a tendência, que já fazia parte da revista *Time*, de juntar a equipe para realizar as reuniões de pauta a decorrer da modernização do jornalismo (LAGE, 2001).

Definida por Melo (1998) a pauta concentra todos os processos que devem ser seguidos para a elaboração do texto jornalístico. Logo, é considerada um dos fatores que inicia o processo de criação de um produto jornalístico.

Porém, mesmo planejada existe a possibilidade de alterações ou descobertas de informações na execução, segundo Miranda (2011). Na definição de Lage (2005) o roteiro de apuração, ou seja, a pauta, é diferente para notícias e para reportagens. As pautas de notícia consistem em cinco pontos principais:

- indicação de suítes
- sugestão de coberturas sazonais
- fatos de interesse público
- repetição local de notícias
- eventos inesperados

Já as pautas de reportagem consolidam as informações disponíveis sobre um assunto específico e dão sugestões de tratamento (LAGE, 2005). A produção de pautas, segundo o autor, pode ser de forma temática iniciando a problemática geral e pode evitar a perda de tempo na produção do material.

[...] Uma pauta bem feita prevê volume de informação necessário para a garantia de eventuais quedas de pauta e ainda matérias que poderão ser aproveitadas posteriormente - por exemplo, no fim de semana da política ou da economia e no meio da semana dos esportes. Evita, por outro lado, o consumo inútil de homens-horas em produtos que jamais serão veiculados. (LAGE, 2005, p. 16).

Apesar de fugir das perguntas pré estabelecidas no lide (O quê? Quem? Como? Quando? Onde? Por quê?) na produção de reportagens, que se inicia na produção e apuração da pauta, é de suma importância responder “quem” e “o quê?”, como um objetivo, uma vez que esses dois elementos orientam a curiosidade do leitor e sustentam a problemática narrativa. (FERRARI e SODRÉ, 1986).

2. A reportagem na web

Outro ponto pensado ainda no esqueleto desse material foi o local no qual a reportagem iria ser exposta. O formato escolhido foi o digital, chamado de webjornalismo, termo conceituado por Canavilhas (2014) que descreve produtos jornalísticos elaborados para a internet e especificamente realizado na *World Wide Web*, o local da internet, em que as informações são trocadas por meio de interfaces gráficas.

Por ser uma plataforma “tessitura informativa formada por um conjunto de blocos informativos ligados através de hiperligações (*links*), ou seja, num hipertexto” (CANAVILHAS, 2014, p. 4), e por ter grandes possibilidade de disseminação como observado por Castells (2011).

Trata-se de comunicação de massa porque alcança potencialmente uma audiência global. [...] É multimodal, permite a reformatação de qualquer conteúdo. [...] Também conta com conteúdo auto-gerado, emissão auto-dirigida e recepção auto-selecionada por muitas pessoas que se comunicam com outras tantas (CASTELLS, 2011, p. XVI).

Esse formato, portanto, além de ligar um conteúdo a outro por meio dos *hiperlinks*, ainda permite maior abertura de estrutura visual como o *design*.

Por motivos descritos acima, se faz a importância da plataforma como forma de ampliar o debate do assunto, além de poder ter a disponibilidade de inserir mais recursos (visuais e auditivos) na exposição o material, o que contribui para o aprofundamento da leitura.

3. Diário de bordo

O primeiro passo para iniciar a reportagem “Chão de Nyna” aconteceu por meio da ideia inicial (pré-pauta) que tinha o mesmo tema, porém, abordava de forma geral o problema social de pessoas em situação de rua. Logo após delimitar o raio no qual me direcionava, ficou estabelecido que o que procurávamos eram fontes testemunhais femininas.

3.1. Apuração

Com o processo de pauta estabelecido, começou a busca por locais do qual poderia selecionar as possíveis personagens para o material jornalístico. Primeiro ficou definido que poderiam ser os lugares onde as diferenças econômicas e sociais são mais visíveis (áreas nobres de Brasília), porém ainda abrangia um raio relativamente grande para a apuração.

Durante uma conversa de orientação no mês de setembro, a ideia de revistar a primeira matéria escrita, do ano de 2019, entrou em ação. Nesse texto era contado a história de um casal que sobrevivia embaixo de uma ponte na entrada de Samambaia, o objetivo era saber se o casal ainda vivia lá, ter a mulher como personagem principal e fazer um paralelo dos quatro anos que se passaram.

A pauta que tinha grandes chances de ser inviável se provou isso mesmo. O casal já não estava lá. Porém, no caminho de volta no mesmo dia da visita a ponte, mulheres que andavam com seus filhos próximo a um shopping em Taguatinga chamou a atenção da reportagem. Nesse mesmo dia, a história de Lucicleide se tornou a pauta que procurávamos.

3.2. Processo de produção

No final de semana seguinte, a reportagem voltou ao descampado onde conversou com a fonte pela primeira vez e começou processo de entrevistas com a personagem escolhida. Dois finais de semanas, onde a reportagem acompanhou a personagem durante as tardes, foram necessários para que começasse a produção do material.

Acompanhar os relatos da personagem se tornaram a parte de maior sensibilidade do trabalho, apesar já ter lidado com histórias relativamente parecidas, cada relato da fonte foi tratado com cuidado. Pois como já pré-estabelecido, dar vozes a mulheres nesse tipo de situação era um objetivo.

Em outubro, começou o processo de tentar contato com fontes oficiais. Ligações e *e-mails* foram feitos para o Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua (Centro Pop) de Taguatinga, para o Centro de Referência de Assistência Social (Cras) de Taguatinga e para a Secretaria de Desenvolvimento Social do Distrito Federal (Sedes). Esse último órgão sendo o que respondeu as denúncias expostas pela personagem no texto, mas somente no mês de novembro.

3.3. Finalização

Logo após a captação de todo o material, se iniciou o processo de criação do site, juntamente com o processo de escrita da reportagem. O objetivo era levar em sua estrutura e *desing*, o mesmo peso da história que uma mulher carrega ao pedir comida na rua com os filhos.

Com a decupagem das entrevistas, auxiliadas pelos arquivos de fotos e as repostas cedidas pela Secretaria de Desenvolvimento Social do Distrito Federal (Sedes) foi possível desenhar uma forma de criação do site.

CONCLUSÃO

Um dos principais trabalhos de um jornalista é a denúncia. Tornar assuntos públicos, abrir espaços para o debate e se possível estimular a solução do problema. Pensando nisso, levar a público situações em que a invisibilidade cobre os olhos da população como um todo, sempre foi o incentivo maior como repórter.

O uso da reportagem como um instrumento para possibilitar essa ação, como já dito, ultrapassa o imediatismo das notícias e foge de um padrão sem aprofundamento. A reportagem “Chão de Nyna” faz parte da ideia de levar o leitor a sentir o que muitas vezes está escondido embaixo de marquises, dentro de barracas e longe da linha que os olhos alcançam.

Além disso, esse material possibilitou completar um ciclo aberto no primeiro semestre do curso. O de difundir a ideia de que pessoas em situação de rua tem uma história por trás do ambiente em que foram inseridos. Não somente dar os números da fome, mas mostrar como afetam a vida de pessoas reais que sobrevivem com a insegurança alimentar, com a pobreza extrema e com conflitos diários.

Sabe-se que no Brasil, pessoas que estão nessa situação, são muitas vezes ignoradas e são tiradas do convívio da sociedade a força. Invisibilizadas por meio do preconceito estabelecido de não ser o espelho do outro, ou seja, não são enxergadas por não serem “iguais” a todo mundo.

Por isso a importância desse tema, tornar a prática do jornalismo um instrumento para a sensibilização e estimular debates sobre a sociedade. Assim também, tornar as teorias estudadas ao longo da graduação em ações para a elaboração de um conteúdo que expresse a função de um jornalista: dar voz e lugar, a quem muitas vezes não possui nada.

Referências

BRUM, Eliane. **O olho da rua**. Porto Alegre: Editora Arquipélogo, 2008.

CANAVILHAS, João. **Hipertextualidade**: novas arquiteturas noticiosas. Webjornalismo, v. 7 CANAVILHAS, João. **Hipertextualidade**: novas arquiteturas noticiosas. Webjornalismo, v. 7, p. 3-24, 2014. Disponível em: <https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/35873329/2014_ARTIGO_Hipertextualidade-with-cover-page-v2.pdf?Expires=1654901336&Signature=XRgTIPqxBLkm7F46Slk06-qkktgaMy2L~mQ20M8CMRgFM6W4PF~0Y-AfaV8Q7PPADoypTrF-LTAnH4ehtqK~MMnmO5eAr01ZpOXxBZCsmFXJ97Y55CNoJOF09Kp2acwdoNE2RljJs85ML~AXwZmKmU~l6jfi~PwoOi6rW~iLpvgY8oDsz9lctmVULDkRckFwSVRe7j-d73cMXPknbKhUICWMomnu6VJo02j0ZTL0YR3rDozFtG8teJhw~Qf6tbZRRibUT7W5FuNDT4T2rVS~8zxcsgKk926GWS89g5DubOr-du8K4eZEBgbt08lelwr75UXv6z4VK8iPzXfJjMRkQ &Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA>. Acesso em: Out. 2022.

CASTELLS, Manuel; **A sociedade em rede**. Tradução de Roneide Venancio Majer. 6ª Ed. São Paulo, 2011

COMPANHIA DE PLANEJAMENTO DO DISTRITO FEDERAL. **Perfil da população em situação de rua no Distrito Federal**. Brasília, 2022.

FERNANDES, Mario Luiz; SILVA, Gislene; SILVA, Marcos Paulo da (Orgs.). **Critérios de noticiabilidade – problemas conceituais e aplicações**. Florianópolis: Insular, 2014.

FERRARI, Maria Helena; SODRÉ, Muniz. **Técnica de reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus Editorial, 1986. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=mclWkbn98K4C&oi=fnd&pg=PA7&dq=reportagem&ots=2Zz23sPlsx&sig=7ksXq49xtKEDLgeEbmgyarW-yh0#v=onepage&q=reportagem&f=false>>. Acesso em: out. 2022.

GEERTZ, Clifford. Uma Descrição Densa: Por Uma Teoria Interpretativa da cultura. In: **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: 2008.

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. 3ª edição. Florianópolis: Insular, 2001. Disponível em: <http://nilsonlage.com.br/wp-content/uploads/2015/04/Ideologia_comp.pdf>. Acesso em: mar. 2022.

LAGE, Nilson. **Teoria e técnica de reportagem, entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LAGE, Nilson. **Teoria e Técnica do Texto Jornalístico**. Rio de Janeiro: Elsevier. 2005.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. São Paulo: Manole, 2004.

MARQUES DE MELO, José. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. 3ª ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MARQUES DE MELO, José & ASSIS, Francisco de. *Gêneros jornalísticos no Brasil*. São Bernardo do Campo: UESP, 2010.

MELO, José Marques (org.) et ali. **Gêneros e formatos na comunicação massiva periodística**: um estudo do jornal Folha de São Paulo. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, p. 1-23, 1998. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/b43f21945b991b4e99923bee1b2e5d7c.PDF>. Acesso em: nov. 2022.

MIRANDA, Mozarth Dias de Almeida. **A pauta jornalística na convergência digital**: outros caminhos e novos desafios. Bauru: Unesp, 2011. Disponível: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/89528/miranda_mda_me_bauru.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: out. 2022.

NONATO, Domingos do Nascimento; RAIOL, Raimundo Wilson Gama. **Invisíveis sociais: a negação do direito à cidade à população em situação de rua**.

Disponível

em: https://www.researchgate.net/publication/322594801_Invisiveis_Sociais_A_Negacao_do_Direito_a_Cidade_a_Populacao_em_Situacao_de_Rua; acesso em: set. 2022.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

REDE BRASILEIRA DE PESQUISA EM SOBERANIE E SEGURANÇA ALIMENAR E NUTRICIONAL Rede. **II Inquérito de Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 (II VIGISAN)**. São Paulo, 2022.

SILVA, M. L. L. **Trabalho e população em situação de rua no Brasil**. São Paulo: Editora Cortez, 2009.

SECRETARIA DE AVALIAÇÃO E GESTÃO DA INFORMAÇÃO. **Cadastro Único**. Disponível em:

<https://aplicacoes.cidadania.gov.br/vis/data3/v.php?q%5B%5D=oNOclsLerpibuKep3bV%2Bf2xf05Kv2rmg2a19ZW51ZXKmaX6JaV2Jk2CadWCNrMm7iareyYfYVnjLrCl6WjIMnusm%2BiqGt3nSltJiZysZupbCoyvedma%2B7pJvsWbK7V6DA1ajLANogHrxUoK1Vn%2FGtv7OkjnfRosyvmNfcbZ2qu5is4q2uwVebxoF2y6GU00%2B%2Fo1wLz6jinLzKp2g%3D>; acesso em: Nov.2022

TIENE, Izalene. **Mulher moradora de rua: entre violências e policiais sociais, Campinas**: Editora Alínea, 2004.

UNICEF, ONU. **The State of Food Security and Nutrition in the World 2021**.

Disponível em: https://data.unicef.org/resources/sofi-2022/?_ga=2.101100353.150406382.1669059864-2073994817.1669059864&_gl=1*e9qaev*_ga*MjA3Mzk5NDgxNy4xNjY5MDU5ODY0*_ga_88Z86505FT*MTY2OTA1OTg2NC4xLjEuMTY2OTA1OTk1OC4wLjAuMA..*_ga_ZEPV2PX419*MTY2OTA1OTg2NC4xLjEuMTY2OTA1OTk1OC4wLjAuMA; acesso em: Set. 2022.

APÊNDICE

Abaixo a grande reportagem produzida como trabalho de conclusão de curso. Pode-se acessá-la neste link: <https://chaodenyna.netlify.app/>

CHÃO DE NYNA

O terreno vazio, as lembranças lotadas e uma barraca para dormir

A vida inteira teve que caber em uma barraca. O "fogão" virou um amontoado de carvão e tijolos escorados pelo poste. Lucicleide Dias da Silva, de 30 anos de idade, ao lado de três filhos, encontrou um terreno vazio para depositar a sobrevivência. A rotina é pedir comida. Faz parte da vida também lembrar como chegou até a esse chão vermelho. Povoada por sua memória as lembranças do que aconteceu pelo caminho e por que sonha sair dali. Lucicleide prefere ser chamada de Nyna. Prefere ser chamada de mãe. De dia, o chão é áspero. À noite, é frio. Ela não nasceu nesse chão. E jura que também não vai morrer ali.

A Raiz

Em frente a uma barraca de acampar de cor laranja, coberta por lona amarela, Lucicleide Dias da Silva, de 30 anos de idade, segura com carinho uma pequena caixinha roxa. Ela mostra com orgulho as joias que ganhou de uma pessoa anônima que passava por ali e quis ajudar. Comemora serem de “ouro e prata de verdade”. Apesar da realidade dura, ela ainda sorri, porque nos próximos dias, com a venda das joias, a comida de seus três filhos estará garantida.

A barraca de camping de Nyna (apelido de Lucicleide) fica em um terreno baldio a 160 metros de um shopping em Taguatinga, região administrativa do Distrito Federal. Em frente a ela, fica um supermercado no qual não pode comprar nada. Logo atrás, estão os prédios residenciais do bairro de Águas Claras, outra região onde nunca conseguiu colocar os pés.

Ela e três filhos dormem e passam os finais de semana em um espaço aberto rodeado de terra vermelha com grama falhada entre os dois lugares. Fica ali para ter o que comer. Pede nos restaurantes da região e espera que “Deus toque no coração de alguém que está passando na pista” de asfalto quente para que o almoço daquele dia

seja garantido. À noite, quando sua cabeça se deita no colchonete preto fino, a vontade da casa própria domina seus sonhos.

A família bebe água de torneira. Por sorte, o gerente do supermercado deixa que busquem nos baldes. O banheiro é a céu aberto, um buraco atrás de uma árvore.

Ela divide aquele espaço com mais quatro barracas, todas elas de mulheres que buscam não sentir o roncar dolorido do estômago na hora de dormir. Todas ali procuram qualquer tipo de emprego, fixos ou temporários, mas não conseguem. Fazem parte de uma pequena comunidade improvisada que espera, junto aos ventos que embalam o fim da primavera de 2022, a esperança de mudar.

Nyna resolveu se juntar a esse “acampamento” na Páscoa deste ano, quando no café da manhã seu filho pediu pão e, em sua cozinha, só havia água.

Rotina

Nos dias de semana, Nyna tenta ficar na *Kitnet* alugada em Samambaia. Ela **tenta** porque quando não se tem nada e a fome aperta, a única saída é pedir. Ela consegue pagar o aluguel com os R\$ 600 do Auxílio Brasil que recebe do governo federal, mas só isso. Sem emprego, sem outra renda e sem ajuda da família, ela precisa pedir nas ruas junto a 3 de seus 5 filhos os alimentos, roupas e produtos de higiene pessoal.

Cada filho de um pai. O primeiro nasceu quando ela tinha 18 anos.

Seus olhos carregam a dor da distância. Não vê o primogênito desde que ele tem um ano.

“Em 2022, meu filho mais velho completou 11 anos”. Ele mora com os avós paternos em Santa Rosa de Goiás (GO), a 209 km do lugar em que busca sobreviver. “Não me deixam ver meu filho. Falam que não valho nada porque dei ele. Mas, fiz por necessidade. Sei que ele está bem melhor lá do que comigo”.

Já faz um ano que também não vê a outra filha, de 3. Outra criança que mora com os avós paternos. Nyna entende que o futuro deles será melhor se criados por outras pessoas. As lágrimas que salgam a face são por não ser quem pode garantir o melhor para eles.

Apesar de ter criado essa rotina de somente nos finais de semana pedir comida nas ruas, ela, acompanhada de 3 filhos — um bebê de um ano, um menino de quatro

anos e uma menina de seis —, não volta para casa há 12 dias. Lá, não tem o que comer. Nesse mês o aluguel atrasou e a fome doeu em sua barriga mais que o medo de perder o teto.

Gastou o pouco que recebe com comida, leite e fraldas para o bebê que sorri em seu colo. Por esse motivo, ela dorme apertada com seus filhos em uma barraca pequena que mal segura os pingos de chuva do mês que finaliza a seca no Centro-Oeste.

No dia em que acompanhei Nyna, ela agradecia pelo café da manhã. Um desconhecido trouxe leite e pão. “Eu não sei o nome dele porque ele não falou. Mas já tem quatro dias que ele vem com o café. Ele disse que apertou o coração quando viu meus filhos aqui”, aponta para o chão. Ao lado, uma mesa de madeira que ela havia achado no dia anterior agora serve como um armário para as doações. O bebê engatinhava na terra vermelha. Ele ainda não sabe andar.

No almoço, ela conta que misturou miojo, muxiba e farinha. Muxiba, como é popularmente conhecida, são as carnes sem qualidade, geralmente com muitos nervos, gorduras e pele. Pedacos tão magros que sua primeira função é complementar a nutrição de animais. Os pedacos foram fritos em um fogão improvisado feito de dois tijolos e uma grelha. O almoço só foi possível às 15h.

No jantar, ela já não sabia o que iria chegar no estômago.

Enquanto chorava, o sorriso dos filhos enchia o espaço da barraca. Eles não entendem as lágrimas da mãe. A inocência, imaginação e pureza estão presentes naquele lugar, já que a mãe ocupa a cabeça e pensa no futuro incerto. Ouça trecho da entrevista abaixo.

A terra

A inocência, que só uma criança pode carregar, se despediu de Nyna logo nos primeiros anos de sua vida.

A primeira lembrança que ela carrega da infância é manchada de vermelho e marcada pela violência. Nela sua mãe cospe os dentes em uma esquina de Santa Rosa de Goiás, dos punhos de seu pai escorre sangue e o borrão cinza dos uniformes dos policiais que aparta a agressão, tampa sua visão. Ela tinha nove anos de idade.

“Meu pai é usuário de crack, então eu via minha mãe apanhar por nada todos os dias. Se algo desse errado na rua, ela apanhava. Se os móveis da casa sumiram porque ele vendeu tudo para comprar droga, ela apanhava. Ele comprava comida para a gente, mas logo depois vendia para comprar mais crack, então se ele chegasse e não tivesse nada para comer, ela apanhava de novo”, recorda.

O único momento no qual se sentia em paz era quando ia para a escola. “Quando eu estava lá estudando, minha mãe estava trabalhando e eu sabia que tudo iria ficar bem, mas só até chegar a hora de ir para casa”.

Como agora, seu sono também não era tranquilo aos 11 anos. Tinham noites em que ela se escondia no mato com a mãe, enquanto o pai as caçava pela cidade. Passava fome e sede. A resistência de sua mãe vinha do medo de perder os filhos, por isso aguentava as pancadas e seguia.

O casamento durou 31 anos e mesmo com a rotina violenta, ele só acabou quando ela morreu.

Em 2007, a mãe descobriu um câncer nos ovários. Mudaram-se para Samambaia, único imóvel de sua mãe que o pai ainda não tinha trocado por droga. Ela sentia dores constantes, mas quando foi consultar um médico já era tarde. O câncer, que tem chances de cura quando diagnosticado de forma precoce, já tinha se espalhado para tantos órgãos que Nyna nem se lembra.

Ela tinha metade da idade que tem agora, 15 anos, e já cuidava da mãe doente, de três irmãs mais novas e da casa. No total, Nyna tem oito irmãos: cinco mulheres e três homens, mas só as meninas carregam o sangue da mãe. Os mais velhos já não viviam com eles. Por esse motivo ninguém estava lá para tampar seus olhos — como ela fazia com as crianças mais novas —, quando sua mãe começou a defecar pela boca.

Após ser diagnosticada, a mãe de Nyna só precisou de cuidados por dois meses. Ela faleceu no hospital.

A perda da mãe tornou o pesadelo que passava acordada ainda pior. Com 16 anos, ouviu de seu pai que não servia nem para ser trocada por droga.

O acordo era o seguinte: a filha virgem em troca de pedras de crack. Oferta que o traficante da região aceitou. Nyna descobriu o acordo da própria boca do pai e fugiu.

Apesar da fuga, ela não conseguia se distanciar dele. Casou com 18 anos logo após engravidar e por sina, morava na mesma rua dele. Tentava não cruzar seus caminhos e às vezes conseguia, mas estava sempre perto do abismo de ameaças que o pai fazia questão de bravejar quando a via.

Do primeiro casamento, ela lembra dos momentos bons: “Foi maravilhoso, ele não me batia e cuidava de mim. Durou pouco tempo, ele se apaixonou por outra, aí tive que seguir minha vida, meu filho mais velho, que tive com ele, ficou com avó quando me mudei”.

Nyna já trabalhou colhendo grãos em Formosa (GO), no ano de 2013, durante o curto período que saiu de Brasília. Lá ela andava 11 km por dia no sol quente para ganhar R\$ 700 por mês. Depois, em 2014, quando voltou para Brasília, trabalhou em uma horta na comunidade rural do Café sem Troco, região administrativa do Paranoá, lá colhia abóbora e ganhava R\$ 70 por dia.

Quando ficou grávida pela segunda vez, trabalhava no bar do tio no Guará. Ganhava R\$ 20 por dia para limpar o bar de manhã e atender os clientes até as 22h.

Na terceira gravidez, ela trabalhava de babá para uma família também no Guará. Quando esperava seu quarto filho, ela fazia bico de faxina em vários lugares do Distrito Federal. Depois, nunca mais conseguiu emprego e os pais dos filhos sumiram.

Ela disse que tentou e continua tentando contato com eles, mas “ eles somem quando viram pais”.

Nyna não busca casas abrigo por medo da violência. Já ouviu histórias de pessoas roubadas, agredidas e violentadas nos abrigos que deveriam auxiliar uma população já vulnerável. Disse que os filhos vêm a frente e que é por eles que vive. O medo de nunca mais ouvir as gargalhadas que lavam sua alma quando a fome aperta é o que a faz não procurar o Conselho Tutelar.

Em resposta, a Secretaria de Desenvolvimento Social do Distrito Federal (SEDES) disse que “os possíveis fatos de violência nos abrigos são gerenciados nos locais. No entanto, são questões pontuais e esporádicas que, se quer, geram dados”.

De acordo com a secretaria, existem 70 unidades de acolhimento institucional destinadas para população em situação de vulnerabilidade social no Distrito Federal. E que no total, existem 2.032 vagas nas unidades de acolhimento institucional que ofertam cinco refeições por dia aos acolhidos.

Ainda informou que dois Centros POP(Centro de Referência Especializado para População em Situação) funcionam diariamente a partir das 7 horas e servem como ponto de apoio para quem vive ou sobrevive nas ruas. Nesse centro é possível acessar espaços para guarda de pertences, higiene pessoal, alimentação (café da manhã, almoço e lanche) e provisão de documentação, além de prestar informações, orientações sobre os direitos e viabilizar o acesso a outros serviços, benefícios socioassistenciais e programas.

A esperança

Sozinha, Nyna tem nos ossos a resistência da mãe. Nos olhos, um amor incondicional pelos filhos e na alma, sonhos banhados de fé. No futuro deseja uma casa espaçosa o suficiente para que seus netos possam correr e todos os seus filhos possam passar o final de semana.

Sonha com o futuro de seus filhos, todos “estudados” e cada um com sua vida, sua casa e sua família. Sonha em poder conviver com todos os cinco sem precisar pedir, porque já poderá fornecer “tudo”.

Sonha em poder voltar aos estudos e cuidar de uma paixão antiga, os bichos. Quando mais nova teve o gostinho de aprender mais dos bichos na escola. Esse futuro foi arrancado dela por seu pai.

Nyna sonha em poder entrar em um supermercado e não sentir os olhares pesados dos seguranças. Sonha com a oportunidade de emprego. À noite, aperta os olhos e conversa com Deus “nasci para isso? Para passar fome?” pergunta. Às vezes a resposta vem por meio de uma doação, como as joias que ganhou. Ela agradece viver, mas conta que já quis descansar em um caixão.

“Acordei de manhã, meus filhos pediam comida e não tinha nada. Naquele dia, eu queria desistir de tudo, sentei na mesa com uma faca na minha frente e fiquei olhando por muito tempo, só acordei quando ouvi minha filha dizer que me amava... Eu vivo por eles”.

Mesmo com olhos cansados de enxergar a violência da vida, Nyna é só amor.

Números no chão

No Brasil de 2022, 33,1 milhões de pessoas como Nyna não tinham o que comer.

Os dados são do 2º Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 da rede Penssan, lançados em junho. Segundo a pesquisa, 58,7% da população brasileira convive com a insegurança alimentar em algum grau.

Em agosto deste ano, o relatório da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) incluiu novamente o Brasil no Mapa da Fome, oito anos após sua saída, em 2014.

Segundo o Cadastro Único do Governo Federal, 48,3 milhões de brasileiros vivem em situação de extrema pobreza. Ao todo, 23% da população afirma não ter renda suficiente para sobreviver, nem mesmo se alimentar, e precisa de auxílio governamental. Esse é o maior número registrado desde a criação do CadÚnico, em 2001 que classifica pessoas em situação de extrema pobreza famílias com renda de até R\$ 105 por mês.

Em 2018, o número era de 39 milhões de brasileiros nessa condição, ou seja, nos últimos quatro anos o aumento de pessoas com fome, foi de 10 milhões.

No Distrito Federal de hoje, 2.938 pessoas estão em situação de rua, o número foi divulgado em julho de 2022 pela Companhia de Planejamento do Distrito Federal (Codeplan) que também mostrou que aproximadamente 80,7% das pessoas nessas condições são do sexo masculino e 19,3% são do sexo feminino.

Ainda mais alarmante é que das duas mil pessoas em situação de rua, 244 são crianças ou adolescentes.

Para a especialista em assistência social, Dayane Xavier, não existe uma receita de bolo para resolver casos de extrema pobreza, ainda mais casos agravados por falta de benefícios.

“Não só se precisa ampliar os benefícios sociais para alcançar essas pessoas, as unidades de atendimento como os Centros de Referência de Assistência Social e Centro Pop também devem ser abastecidas por profissionais e recursos. Existem muitas mais mulheres e famílias nessa situação do que benefícios disponíveis que possam aplacar essa necessidade”, explica.

Ela também defende que a assistência social não é a única saída para pessoas em situação de vulnerabilidade. Para a especialista, é necessário aplicar nas comunidades o conceito de desenvolvimento social.

“Precisamos articular as políticas de educação, saúde, trabalho e renda. Então quando falamos em desenvolvimento social, falamos em trazer um leque de políticas públicas e ampliar o olhar sobre a população em situação de rua, não podemos esquecer que cada caso tem que ser avaliado com o máximo de cuidado. São pessoas, não números”, defende.